

Representação da mulher em livros didáticos de química

Célia Sousa^{1*}, Cássia Ferreira Coutinho Pereira², Ângela Sanches Rocha³,
Simone Becker⁴, Priscila Tamiasso-Martinhon¹

¹Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Mestrado Profissional em Química em Rede Nacional, Rio de Janeiro, Brasil, ²Discente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Físico-Química, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, ³Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Físico-Química, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, ⁴Professor da Universidade Federal da Grande Dourados, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. *sousa@iq.ufrj.br

Recebido em: 30/03/2019 Aceito em: 19/06/2019 Publicado em: 28/06/2019

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise, via abordagem predominantemente qualitativa, de como a figura da mulher é inserida e representada em livros didáticos da disciplina de química, utilizados em escolas públicas. Para isto, foram avaliados três livros didáticos que fizeram parte do programa nacional do livro didático em ciclos distintos. Observou-se uma tendência a sub-representação feminina em todos os livros analisados, tanto no discurso textual quanto no imagético, além da reprodução de estereótipos de gênero que perpetuam a imagem da ciência, e da química em particular, como uma atividade exclusivamente masculina. Isso representa um enorme prejuízo para a sociedade como um todo pois desencoraja o acesso de um vasto grupo de pessoas à ciência.

Palavras-chave: Química. Gênero. Representação.

Woman's representation in chemistry textbooks

ABSTRACT

This work aims to analyze, through a predominantly qualitative approach, how the female figure is inserted and represented in textbooks of the discipline of chemistry, used in some public schools at Brazil. For this, three textbooks were evaluated, and they were chosen because they were part of the national textbook program for distinct cycles. A tendency for female underrepresentation in all books analyzed was observed, both in textual and imagery discourse, as well as the reproduction of gender stereotypes that perpetuate the image of science, and of chemistry, as an exclusively male activity. This is a great loss to the society, because it discourages a large group of people from accessing science.

Keywords: Chemistry. Genre. Representation.

INTRODUÇÃO

A questão da representatividade da mulher, não apenas em relação aos campos científico, acadêmico ou profissional, mas em todos os aspectos sócio-político-econômicos atuais, é de grande complexidade. Com isso, ela pode ser discutida e

estudada por meio de uma variedade de lentes, dos estereótipos à socialização de gênero a qual todos são submetidos desde o nascimento. (MURPHY et al., 2007).

Neste trabalho, pretende-se analisar esta questão no contexto do campo científico, em particular no que diz respeito à representação da mulher em livros didáticos de química. Que tipo de informação chega às (aos) estudantes em sala de aula? Quais mensagens lhes estão sendo transmitidas nestes materiais didáticos? Elas reproduzem estereótipos de gênero ou perpetuam a ideia de que ciência é uma atividade masculina?

Para os fins deste trabalho, será utilizada a definição de livro didático como sendo “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia.” (GÉRARD; ROEGIERS, 1998 apud SIGANSKI et al., 2008, p. 2).

Os livros didáticos funcionam como um importante instrumento a ser utilizado por profissionais da educação em um ambiente de ensino, como as salas de aula, como parte de sua prática pedagógica e como mediador do processo de ensino (TAGLIANI, 2011). Dito isto, é razoável pensar que participam de alguma forma da formação de jovens estudantes, não apenas no que diz respeito à aprendizagem de suas disciplinas específicas, mas também por meio da inevitável transmissão de ideias e visões de mundo particulares, por meio de sua linguagem verbal e visual.

A opção de utilizar livros que fizeram parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) se deu devido à importância deste programa na seleção e avaliação de livros didáticos em todo o país, sendo referenciado como “o maior programa governamental de aquisição de livros didáticos do mundo.” (MANTOVANI, 2009, p. 11). Este guia é desenvolvido pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Básica (SEB) e em parceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

METODOLOGIA

O método de pesquisa utilizado neste trabalho se dá predominantemente via abordagem qualitativo-analítica. Foram analisados, no total, três livros didáticos de química utilizados por estudantes de escolas públicas e que fizeram parte de três ciclos trienais distintos do PNLD. As avaliações foram feitas a partir de uma análise dos

discursos textual e imagético observados nos livros selecionados para estudo, de modo a identificar as respectivas representações de gênero reproduzidas nos mesmos.

Para isto foram utilizados três parâmetros gerais julgados relevantes para a investigação em questão: análise das imagens ilustrativas utilizadas nos materiais didáticos e quais os papéis atribuídos a homens e mulheres nas mesmas; menções feitas a homens e mulheres com contribuições ao desenvolvimento da ciência ao longo da história; e a linguagem utilizada ao longo do texto apresentado nos livros didáticos e nos exercícios propostos, indicando existência e colocação de homens e/ou mulheres no ambiente científico, acadêmico e profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na sequência serão analisados os seguintes livros didáticos: (i) “Química e Sociedade” (volume único), parte do catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio (PNLEM) de 2008 e, como tal, indicado para utilização em escolas públicas no período de 2009 a 2011; (ii) “Química na Abordagem do Cotidiano” (Volume 1: Química Geral e Inorgânica), parte do Guia de Livros Didáticos de Química 2012, indicado para utilização no período de 2012 a 2014; (iii) “Ser Protagonista – Química” (Volume 2), parte do Guia de Livros Didáticos de Química 2015, indicado para utilização no período de 2015 a 2017. A escolha dos livros se deu por serem esses os livros que a professora que fez a análise utiliza em suas aulas.

Livro: química e sociedade

O livro “Química e Sociedade” (volume único) se utiliza de um significativo número de imagens ilustrativas, especialmente em comparação aos demais aqui analisados. Isto se dá, em grande parte, devido ao seu foco na relação entre a química e seus efeitos na sociedade em que ela se desenvolve, como o próprio nome do livro vem a sugerir, e à sua dedicação em apresentar ao leitor importantes aspectos da história da química e da ciência em geral.

As mulheres encontram-se mais frequentemente representadas neste livro em comparação aos demais aqui analisados, contudo raramente aparecem como sujeitos atuantes, ao invés de meramente modelos para objetos ou conceitos mencionados no texto. Em especial, nota-se que a representação mais comum da mulher no livro em questão parece ser a de dona de casa, alternadamente comprando, lavando ou

preparando alimentos em diversos capítulos do livro, alguns exemplos podendo ser observados na Figura 1.

Figura 1 – Imagens ilustrativas de mulheres nas páginas 77, 210, 530 e 553 do livro “Química e Sociedade”. (Adaptação dos autores).



Chama a atenção, no que diz respeito à representação da figura da mulher, o fato de sua maior prevalência em todo o livro ocorrer na unidade 4 do livro intitulada “Cálculo, Soluções e Estética”, ilustrada pela Figura 2.

Esta unidade apresenta a maior concentração de imagens de mulheres dentre todas as demais unidades do livro, sendo a única onde elas superam, em número, as

imagens masculinas. Esta constatação ilustra uma nítida associação da ideia de beleza ou estética à figura feminina, estereótipo este ainda muito presente em nossa sociedade. As imagens, em geral, apresentam pouca função além de apenas ilustrar corpos e rostos femininos em meio às discussões realizadas em torno do conceito de grandeza.

Figura 2 – Imagens ilustrativas de mulheres nas páginas 251 e 252 do livro “Química e Sociedade”. (Adaptação dos autores).



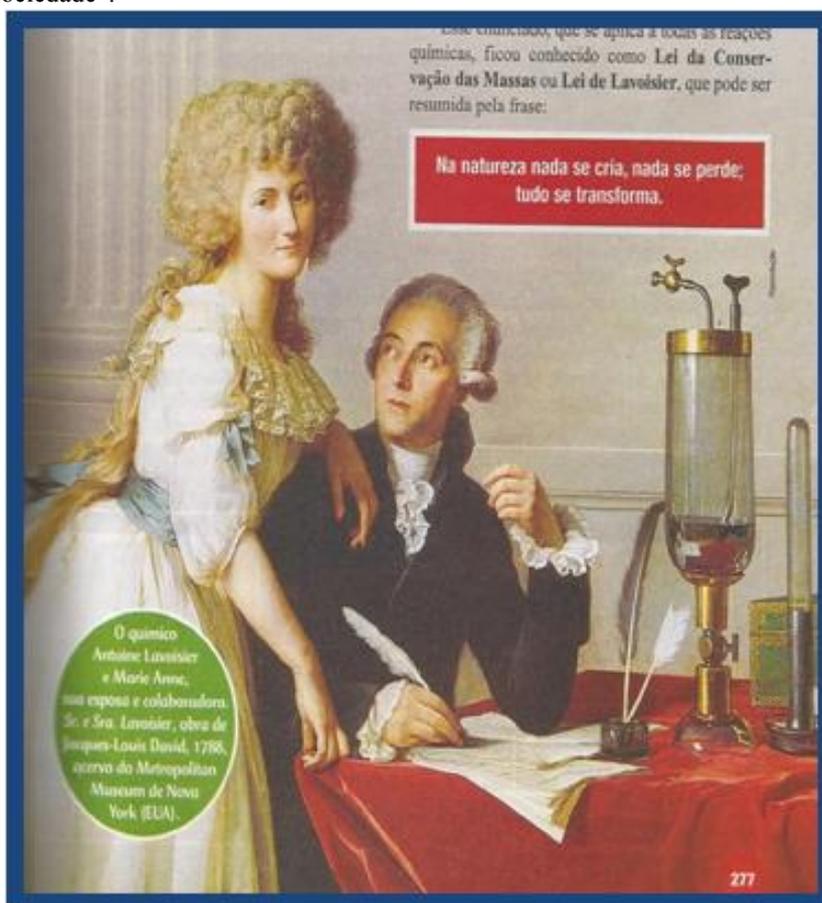
Por sua vez, dentre as 53 imagens utilizadas para identificar por nome figuras importantes na história da ciência, apenas uma, ou aproximadamente 2%, representa a figura de uma mulher por si só, Marie Curie, apresentada na página 18 do livro.

Além desta figura ilustrativa, outras duas imagens apresentam Marie Curie ao lado de seu marido, Pierre Curie, nas páginas 143 e 718, enquanto que uma terceira imagem, na página 277 (apresentada na Figura 3), ilustra as figuras de Marie Anne e de seu marido, Antoine Lavoisier, totalizando, assim, quatro figuras ilustrativas com representação de mulheres que fizeram parte da história da ciência em todo o livro, ou aproximadamente 7,5%.

Ainda assim, como visto, três quartos desta já pequena representação feminina dedicam-se não apenas à figura da mulher, mas a divide com a figura do homem associado à ela, por vezes já previamente mencionado ou ilustrado, separadamente, em outro momento ao longo do livro.

O papel de Marie Curie na história da química, em particular no que diz respeito aos estudos da radioatividade, é discutido no livro, porém Marie Anne é apresentada apenas como a esposa e colaboradora de Lavoisier. Se por um lado a importância de seu marido para o desenvolvimento da química moderna é merecidamente destacada na maioria dos livros de química, as contribuições de Marie Anne são raramente lembradas, apesar da importância do trabalho colaborativo entre os dois na produção e divulgação de muitos dos trabalhos atribuídos unicamente a Lavoisier.

Figura 3 – Imagem ilustrativa de Marie Anne e Antoine Lavoisier na página 277 do livro “Química e Sociedade”.



Entretanto, não é apenas no que diz respeito às ilustrações que as mulheres se encontram sub-representadas no livro em questão. Além de Marie Curie e Anne Marie, apenas duas outras mulheres importantes na história da ciência são mencionadas por

nome no texto, porém sem representação visual, em todo o livro: Irène Joliot-Curie, juntamente a seu marido Frédéric Joliot, e Lise Meitner, pela descoberta, junto a Otto Hahn, do elemento protactínio, em 1917.

Ao longo do livro, nota-se o uso exclusivo de pronomes masculinos ao se referir às mais diversas profissões, tais como, químico, mergulhador, agricultor, motorista, analista, operário, cientista, físico, professor, jogador, entre outras. O profissional da química, em particular, é referenciado inúmeras vezes, porém sempre como o químico, jamais no feminino.

As atividades, exemplos e exercícios propostos repetem este padrão mesmo quando se referindo a estudantes (palavra neutra que não denota, por si só, um gênero ou outro), optando-se em todas as ocasiões pelo uso do masculino. O único exemplo que apresenta uma figura marcadamente feminina é o presente no exercício de número 14 da página 319, em que: “Uma dona de casa, em um supermercado, se depara com as seguintes informações sobre detergentes à base de amoníaco:” (SANTOS; MÓL, 2009, p. 319).

Novamente nota-se que um dos poucos casos em que o livro se mostra interessado em inserir a figura da mulher em seu texto é quando reforça o estereótipo de sua associação com a realização de tarefas domésticas, através do papel da dona de casa, o único reservado exclusivamente para as mulheres em todo o livro.

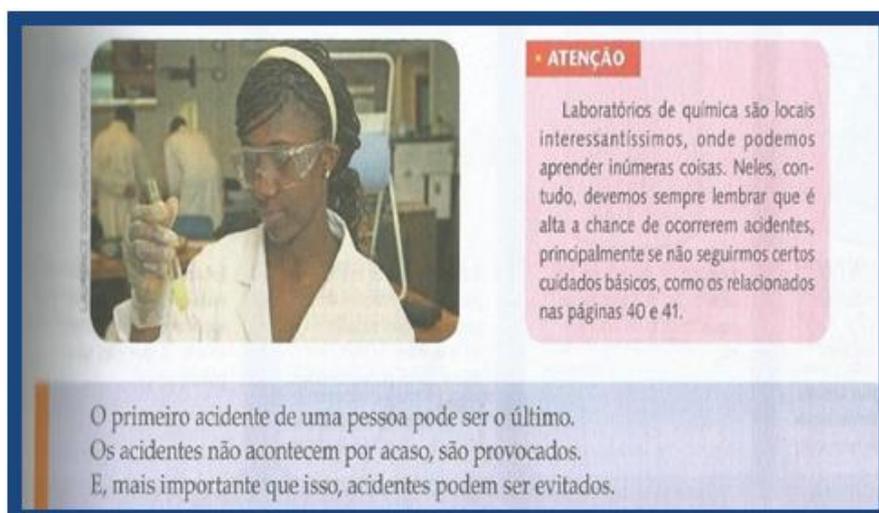
Livro: química na abordagem do cotidiano

O livro didático “Química na Abordagem do Cotidiano” (Volume 1: Química Geral e Inorgânica) apresenta imagens de homens ocupando diversas funções, tais como: astronauta (p. 9), empresário (p. 10), técnico de laboratório (p. 12 e p. 94), realizando tarefa considerada doméstica (p.37), esportista (p.78), ator (p. 275), químico (p. 280), mergulhador (p. 326), frentista (p. 344), dentre outras. Tais representações demonstram uma variada gama de ocupações de fato realizadas por homens em nossa sociedade.

Por outro lado, ao identificar as imagens de mulheres utilizadas no livro, observa-se não apenas uma redução na frequência com que elas aparecem em relação aos homens, mas ainda uma significativa limitação na variedade de funções que representam. Além disso, nota-se uma reprodução de estereótipos de gênero nas imagens ilustrativas das quais o livro se utiliza no que diz respeito às mulheres

apresentadas. Dentre as três figuras ilustrativas femininas identificadas no livro, apenas uma representa a mulher em um ambiente acadêmico, científico ou profissional, sendo uma jovem negra (a única presente em todos os livros), apresentada na Figura 4, trabalhando em um laboratório, na página 39.

Figura 4 – Imagem ilustrativa de uma jovem negra em um laboratório na página 39 do livro “Química na abordagem do cotidiano”.(Adaptação dos autores).



As demais duas imagens femininas representam uma mulher fazendo compras (p. 11) e outra flutuando no mar, presumidamente de férias (p. 27), conforme ilustrado na Figura 5.

Figura 5 – Imagens ilustrativas de mulheres nas páginas 11 e 27 do livro “Química na abordagem do cotidiano”. (Adaptação dos autores).



Além disso, das 26 pessoas com contribuições à história da ciência identificadas por nome nas imagens do livro, todas são homens. Similarmente, apenas uma figura histórica feminina é apenas citada por nome em todo o livro, a alquimista Maria, a Judia, mencionada duas vezes em um texto que descreve a história do desenvolvimento da técnica de destilação, porém sem que nenhuma representação visual seja utilizada para sua identificação. Adicionalmente, um grupo composto de três pesquisadoras é mencionado em um exercício de fixação na página 95, enquanto que duas biólogas são brevemente citadas em um artigo retirado de um endereço eletrônico e apresentado na página 111.

Finalmente, observa-se que em nenhum momento no livro mulher alguma é mencionada como sendo uma estudante, cientista ou química. Em todos os exemplos textuais e nos exercícios e atividades propostos pelo livro, tais funções são referidas exclusivamente utilizando-se nomenclatura masculina.

Apenas dois exercícios contêm a participação de uma figura feminina: uma dona de casa, mencionada no exercício de número 40 na página 217 e uma jovem senhora, mencionada no exercício de número 35 na página 371 que, segundo o texto, não deseja “revelar sua idade, a não ser às suas melhores amigas.”, forma que pode ser considerada como pejorativa e relativa a uma pessoa que tem valores superficiais (PERUZZO; CANTO, 2010, p. 371).

Analisando a representação feminina neste livro didático, portanto, nota-se uma significativa falta de figuras femininas em todo o seu conteúdo, não somente enquanto contribuintes à história e ao desenvolvimento da ciência, mas também como membros das comunidades acadêmica e científica ou do mercado de trabalho em geral, atividades reservadas, no livro, quase que exclusivamente a homens.

Livro: ser protagonista - química

O livro didático “Ser Protagonista – Química” (Volume 2) repete muitos dos problemas já levantados nas análises dos livros anteriores, tanto em relação ao discurso textual quanto ao imagético. O livro apresenta um número significativamente reduzido de imagens ilustrativas de pessoas apresentadas se comparado aos demais analisados, favorecendo a representação ilustrativa de processos, equipamentos e materiais e oferecendo um menor foco nos aspectos históricos da química ou da ciência como um

todo. As poucas imagens de pessoas apresentadas (representativas de figuras históricas), contudo, são exclusivamente dedicadas a figuras masculinas.

Similarmente, no que diz respeito à linguagem textual empregada neste livro, observa-se ainda a persistência da sub-representação da mulher nos diversos aspectos analisados, como já presente nos dois livros didáticos discutidos anteriormente. Novamente, um número consideravelmente inferior de mulheres, em relação ao de homens, são mencionadas, por nome, como contribuintes da história e ao desenvolvimento da ciência em todo o livro. Neste caso, apenas Marie Curie e IrèneJoliot-Curie são citadas e, conseqüentemente, de um total de trinta e três nomes de figuras históricas mencionados, temos que apenas 6% destes representam figuras femininas.

Adicionalmente, persiste também a tendência em associar profissões ligadas à química, e às ciências exatas como um todo, exclusivamente ao homem. No que diz respeito a exemplos, atividades e exercícios propostos pelo livro, novamente não se observa qualquer menção a professoras ou estudantes do gênero feminino.

Entende-se que parte dos problemas levantados a partir da avaliação feita dos três livros descritos acima, no que diz respeito à parte textual, é um reflexo direto da língua portuguesa e do fato de gênero ser uma característica inerente aos substantivos do português.

A ideia do “masculino genérico” parte do princípio de gênero não marcado e se refere ao “uso do gênero gramatical masculino para denotar o gênero humano como um todo (isto é, homens e/ou mulheres).” (MÄDER; MOURA, 2015, p. 34).

[...] há dois tipos de nomes em português – os que “marcam” artigos e adjetivos e os que não marcam. [...] O fato de que os nomes “marcantes” sejam chamados de femininos (e que os “não marcantes” sejam chamados de masculinos) é apenas uma questão de escolhas terminológicas feitas em outras épocas e lugares, a partir de outra teoria das línguas, arbitrariamente e sem qualquer respaldo da realidade. (BORGES, 2013 apud MÄDER; MOURA, 2015, p. 36).

Em resumo, o conceito de “gênero não marcado” se refere à colocação do gênero gramatical masculino, em oposição ao gênero feminino, que seria, portanto, o gênero marcado. De modo geral, esta é a principal justificativa utilizada para o uso do masculino como o genérico na língua portuguesa, apesar de não apresentar, de fato, uma explicação para o porquê deste fenômeno. Ainda assim, seu uso como tal tem sido questionado sob a luz da ideia de representação linguística.

Da dupla função dos termos que se referem aos homens, resulta que homem surja como medida do humano, como norma ou ponto de referência. Subsumidas na referência linguística aos homens, as mulheres tornam-se praticamente invisíveis na linguagem; e, quando visíveis, continuam marcadas por uma assimetria que as encerra numa especificidade natural (o sexo) – numa “humanidade” de um outro tipo. (ABRANCHES, 2007, p. 77).

Ao mesmo passo em que pode ser responsável em parte pela reprodução de desigualdades de gênero, contudo, a linguagem pode também funcionar como um elemento de inclusão. Deste modo, têm-se observado, nos últimos anos, uma discussão em torno do uso da chamada “linguagem inclusiva”.

Movimentos sociais, em particular, têm reivindicado cada vez mais o uso de uma linguagem inclusiva. Segundo Sasaki (2003), “a construção de uma verdadeira sociedade inclusiva passa também pelo cuidado com a linguagem. Na linguagem se expressa, voluntariamente ou involuntariamente, o respeito ou a discriminação.”

Por um lado, existem pessoas que sugerem uma rejeição do binário de gênero intrínseco na linguagem em si, optando pela utilização de símbolos como @, e, ou x como substituintes das vogais a e o ao se referir a grupos genéricos de pessoas, tais como: alun@s, alunxs ou alunes, ao invés do uso de alunas ou alunos. Este tipo de representação apresenta uma gama de obstáculos e é de difícil implementação em grande escala e, portanto, opções mais flexíveis de adaptação da língua portuguesa como tal para, ainda assim, manter-se um caráter inclusivo têm sido desenvolvidas (SINUS, 2017).

Tendo isto em mente, diversos documentos vêm sendo produzidos com o intuito de divulgar e promover o uso deste tipo de linguagem considerada não sexista (ABRANCHES, 2009; SINUS, 2017) entre outros. A questão do uso, ou não, de “linguagem inclusiva” é uma de grande complexidade e foi considerada relevante e necessária a sua menção neste trabalho, uma vez que a linguagem é, de modo geral, uma das formas mais sutis de se transmitir valores e estereótipos embutidos na sociedade que se utiliza dela (RIO GRANDE DO SUL, 2014).

Ainda assim, nem todos os problemas textuais existentes nos livros avaliados podem ser justificados pelos problemas intrínsecos à língua portuguesa em si. Os textos apresentam, por exemplo, um quantitativo significativo de casos de exercícios, atividades e problemas propostos que frequentemente utilizam-se da especificação de um sujeito ativo a realizar as atividades descritas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado nas análises individuais realizadas para cada livro, observa-se, nestes casos, uma escolha deliberativa de, quase que exclusivamente, se utilizar de nomes e pronomes masculinos, o que sugere uma manutenção, consciente ou não, do status quo no que diz respeito à representação da mulher no âmbito da produção científica em questão.

De modo geral, foi possível observar uma tendência a sub-representação da mulher em todos os três livros avaliados. Não apenas numericamente falando, mas também em termos de qualidade e variedade, pois tanto em relação às imagens presentes nestes livros quanto às menções de mulheres ao longo dos textos, vimos que, salvo poucas exceções, a presença feminina é quase não existente. Ao reproduzir representações visuais e textuais que reiteram comportamentos e posições sociais ainda atribuídos de forma arbitrária a homens ou mulheres, os livros em questão contribuem à perpetuação de estereótipos de gênero.

Segundo Silva (2005 apud NOGUEIRA et al., 2008, p. 2), “nos livros didáticos, nos currículos escolares e nas falas dos professores, ainda há uma invisibilidade ou a visibilidade subalterna de diversos grupos sociais como os negros, os indígenas e as mulheres.” Entende-se que as representações utilizadas em livros didáticos de sujeitos, em especiais aqueles pertencentes a grupos ainda silenciados e desvalorizados na nossa sociedade, podem ter significativa influência na resignificação de papéis sociais e visões de mundo.

É importante que meninas se vejam representadas na ciência e reconheçam nela uma oportunidade viável para seus futuros. A perpetuação de estereótipos de gênero e manutenção da imagem da ciência como uma atividade masculina, como observadas nos resultados apresentados, representa um enorme prejuízo para a sociedade como um todo, visto que não existem benefícios em desencorajar o acesso de um grupo tão vasto de pessoas à ciência.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, G. Ler a linguagem: breves notas sobre desproporções e dissemelhanças, pseudo-genéricos e a igualdade entre os sexos. In: AA.VV. **A dimensão de gênero nos produtos educativos multimídia**, Lisboa, DGIDC, p. 77-82, 2007.

ANTUNES, M. T. **Ser protagonista – química**. v. 2. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2013. 3 v. (Ser protagonista, 2013).

MÄDER, G.; MOURA, H. O masculino genérico sob uma perspectiva cognitivo-funcionalista. **Revista do GELNE**, v. 17, n. 1/2, p. 33-54. 2015.

MANTOVANI, K. P. **O programa nacional do livro didático – PNLD: impactos na qualidade do ensino público**. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MURPHY, M. C.; STEELE, C. M.; GROSS, J. J. Signaling threat: how situational cues affect women in math, science and engineering settings. **Psychological Science**, v. 18, n. 10, p. 879-885, 2007.

NOGUEIRA, J. K. et al. Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. In: FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2008, p. 1-7. Disponível em: < http://nt5.net.br/publicacoes/Nogueira-Felipe-Teruya_01.pdf >. Acesso em: 14 fev. 2018.

PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. do. **Química na abordagem do cotidiano**. v. 1. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2010. 3 v.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Manual para o uso não sexista da linguagem: o que se bem diz bem se entende**. Porto Alegre, 2014. 114 p. Disponível em: <http://www.spm.rs.gov.br/upload/1407514791_Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2018.

SANTOS, W. L. P. dos; MÓL, G. de S. (Coord.). **Química e sociedade**. 1. ed. São Paulo: Nova Geração, 2009.

SASSAKI, R. K. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão**. 2011. Disponível em: <https://accessibilidade.ufg.br/up/211/o/TERMINOLOGIA_SOBRE_DEFICIENCIA_NA_ERA_DA.pdf?1473203540>. Acesso em: 14 mar. 2018.

SIGANSKI, B.; FRISON, M.; BOFF, E. O livro didático e o ensino de ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA, 14., 2008, Curitiba. **Programas e Resumos...** Curitiba: UFPR/DQ, 2008. p. 1-11. Disponível em: <<http://www.quimica.ufpr.br/eduquim/eneq2008/resumos/R0468-1.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

SINUS. SIMULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA SECUNDÁRIA 2017. **Manual de linguagem inclusiva**. Disponível em: <<http://sinus.org.br/2015/wp-content/uploads/2017/05/SINUS-2017-Manual-de-Linguagem-Inclusiva.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

TAGLIANI, D. C. O livro didático como instrumento mediador no processo ensino-aprendizagem de língua portuguesa: a produção de textos. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 1, p. 135-148. 2011.